



**CONDUTAS AGRESSIVAS, BULLYING E INTEGRAÇÃO SOCIAL EM CRIANÇAS
EM IDADE ESCOLAR**
AGGRESSIVE CONDUCTS, BULLYING AND SOCIAL ADJUSTMENT OF CHILDREN

Maria José D. Martins

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal
mariajmartins@esep.pt ou maria.jose.martins@mail.telepac.pt

Marli Silva

Gabinete de Ação Social do Município de Redondo, Portugal. marlisilva987@gmail.com

Fecha de recepción: 22 de Diciembre de 2013

Fecha de admisión: 30 de Marzo de 2014

ABSTRACT

In recent years, either aggressive behaviour or bullying has come to be a growing concern for the educational community. There has been much research on this phenomenon but most have focused on schools in urban contexts.

This investigation sought to:

Obtain data that allow knowing the type and frequency of bullying on children, as well as identify the places where it occurs most often in a rural school.

Know the relation between the social adjustment in the peer group (through the sociometric status) and the several patterns of social behaviour, namely prosocial behaviours, leadership, social isolation and particularly, aggression and victimization (either in the self perspective or the peer perspective).

Thereby, two questionnaires were administered to 87 children: An adaptation of the self-report about aggressiveness between students in school (QAEANE) by *Pereira* (1994), consisting of 10 questions about bullying occurrences from the victim and aggressor's perspective and the places where it occurs; A questionnaire for the peers based on peer selection (QNP), consisting of two parts: the first one, with 4 questions, studies the sociometry (index of preferences and rejections) and the second one, with 5 questions, studies the attributes perceived by peers (aggression, social isolation, leadership; prosocial behaviour and victimization).



The results allowed to conclude that bullying also occurs in rural contexts but less frequently when compared with *Pereira's* data (2008), obtained in urban areas, where the most recurrent place for bullying is the playground. It has also been found that both bullies and victims are more rejected by peers than those not involved. We discuss some ways to prevent these behaviours in Primary School.

Keywords: Bullying, aggression, victimization, social adjustment

RESUMO

Nos últimos anos, quer os comportamentos agressivos, quer o *bullying* têm vindo a constituir uma crescente preocupação para a comunidade educativa. Tem havido muita investigação sobre este fenómeno mas a maioria tem incidido em escolas situadas em contextos urbanos. Os objetivos da investigação que se apresenta foram:

Obter dados que permitam conhecer o tipo e a frequência de *bullying* em crianças, bem como identificar quais os locais mais frequentes onde ocorre numa escola situada numa zona rural.

Conhecer qual a relação entre a integração social no grupo de pares (através do estatuto sociométrico) e os vários padrões de comportamento social, nomeadamente comportamentos pró-sociais, liderança, isolamento social e, em particular, agressão e vitimação (quer na perspetiva do próprio, quer na perspetiva dos pares).

Deste modo, dois questionários foram aplicados a 87 crianças: uma adaptação do questionário de autorrelato sobre agressividade entre alunos na escola (QAEANE) de Pereira (1994) (composto por 10 perguntas, relativas às ocorrências de *bullying*, na perspetiva da vítima e do agressor, bem como sobre os locais em que ocorre); e um questionário de heterorrelato, isto é, de nomeação de pares (QNP), composto por duas partes: a primeira com 4 perguntas que estuda a sociometria (índices de preferências e rejeições) e a segunda com 5 perguntas permitindo estudar os atributos percebidos pelos colegas (agressão; isolamento social; liderança; conduta pró-social e vitimação).

Os resultados permitiram concluir que o *bullying* também ocorre em zonas rurais mas de forma bastante menos frequente quando se compara com os dados de Pereira (2008) obtidos em zonas urbanas e que o local mais frequente onde ocorre é o recreio. Verificou-se ainda que quer os agressores, quer as vítimas são mais rejeitados pelos pares do que os não envolvidos. Discutem-se algumas formas de prevenção destes comportamentos no 1.º ciclo do ensino básico.

Palavras chave: Bullying, agressão, vitimação, integração social

INTRODUÇÃO

O *bullying*, é usualmente definido como um subtipo de comportamento agressivo, que ocorre entre companheiros, em que alguém mais forte, com mais estatuto, ou em grupo, abusa repetidamente de uma vítima indefesa (Martins & Vicente Castro, 2010; Olweus, 1995; 1997; Olweus, & Limber, 2007). A agressão, por seu lado, pode definir-se como uma conduta intencional que inflige dano físico ou psicológico ao outro, e/ou perda de propriedade, e que pode ser ocasional (Anderson & Bushman, 2002; Coie & Dodge, 1998).

Nos últimos anos a investigação sobre bullying tem sido numerosa mas a maioria dos estudos incide sobre zonas urbanas e poucas investigações têm relacionado o bullying e a agressão com outro tipo de competências sociais (Martins & Vicente Castro, 2010; Ramirez, 2001).

Vários autores têm encontrado uma relação entre os estatutos sociométricos e o papel no bullying, verificando-se, em geral, que as vítimas e as vítimas agressoras são mais rejeitadas pelos pares e que os agressores têm um estatuto controverso, isto é, são rejeitados pela maioria dos pares mas dispõem de um grupo de amigos que apoia as suas atividades, isto significa que o ajustamento psicossocial destas crianças fica comprometido (Martins, 2007; Ramirez, 2001).

Assim, o presente estudo tem como objectivos:



Obter dados que permitam conhecer a frequência de bullying em crianças do 1.º ciclo do ensino básico, numa zona rural, bem como as suas diferentes formas de manifestação e os locais mais frequentes onde ocorre na escola.

Saber qual a relação entre a integração social no grupo de pares (através do estatuto sociométrico) e vários padrões de comportamento social, nomeadamente comportamentos pró-sociais, liderança, isolamento social e, em particular, agressão e vitimação (quer na perspetiva do próprio, quer na perspetiva dos pares).

METODOLOGIA

Participantes

Participaram neste estudo 87 crianças, 47 do sexo feminino e 40 do sexo masculino, que frequentavam o 3.º e o 4.º ano de escolaridade do 1.º ciclo do ensino básico de uma escola situada numa localidade no Alentejo, Portugal, num meio com características rurais. As crianças tinham idades compreendidas entre os 7 e os 11 anos.

Instrumentos

- Uma adaptação do questionário de autorrelato sobre agressividade entre alunos na escola (QAEANE) de Pereira (1994) (composto por 10 perguntas, relativas às ocorrências de *bullying*, na perspetiva da vítima e do agressor, bem como sobre os locais em que ocorre);

- Um questionário de heterorrelato (Martins e Branquinho (2008), isto é de nomeação de pares (QNP), composto por duas partes a primeira com 4 perguntas que estuda a sociometria (índices de preferências e rejeições) e a segunda com 5 perguntas permitindo estudar os atributos percebidos pelos colegas (agressão; isolamento social; liderança; conduta pró-social e vitimação).

Procedimento

Os questionários foram aplicados coletivamente durante um tempo lectivo de aulas, após obtidos os consentimentos do município, do diretor da escola, dos professores das turmas e dos encarregados de educação.

Apresentação de Resultados

A tabela 1 apresenta as formas de agressão mais frequentes reportadas pelos alunos, os dados evidenciam que tanto os participantes do sexo feminino como os do sexo masculino assinalam com mais frequência a alternativa "chamaram-me nomes feios". Em segundo lugar, os participantes do sexo feminino referem "andaram a segredar e a falar sobre mim", enquanto os participantes do sexo masculino referem "bateram-me, deram-me murros e pontapés". Importa ainda referir, no que respeita a esta pergunta específica do questionário, que os alunos poderiam assinalar mais do que uma opção de resposta.

Tabela 1: Distribuição dos participantes referentes às formas de agressão (n=87)

	Feminino		Masculino		Total	
Bateram-me, deram-me murros e pontapés	8	14,30%	15	25,90%	23	20,18%
Tiraram-me coisas	7	12,50%	3	5,20%	10	8,77%
Meteram-me medo	3	5,40%	6	10,30%	9	7,89%
Chamaram-me nomes feios	15	26,80%	17	29,30%	32	28,07%
Não me falaram	6	10,70%	6	10,30%	12	10,53%
Andaram a segredar e a falar sobre mim	13	23,20%	6	10,30%	19	16,67%
Fizeram-me outras coisas	4	7,10%	5	8,60%	9	7,89%
Total	56	100%	58	100%	114	100%

Na tabela 2 são apresentadas as percentagens dos participantes, no que respeita aos sítios onde lhes fizeram mal, sendo o recreio, o local mais escolhido, seguido dos corredores, também nesta pergunta os alunos poderiam assinalar mais do que uma opção de resposta.



Tabela 2: Distribuição dos participantes referentes aos locais de agressão

	Feminino		Masculino		Total	
Nos corredores	5	17,20%	6	18,80%	11	18,03%
Na sala de aula	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
No recreio	18	62,10%	18	56,30%	36	59,02%
No refeitório	2	6,90%	3	9,40%	5	8,20%
Nas casas de banho	2	6,90%	1	3,10%	3	4,92%
Outro sítio	2	6,90%	4	12,50%	6	9,84%
Total	29	100%	32	100%	61	100%

No que respeita à questão “Quem te fez mal?”, todos os participantes, independentemente do género, referem em primeiro lugar ter sido um menino a fazer-lhes mal (50%). Em segundo lugar, referem muitos meninos, ainda que o género masculino o refira mais vezes (38,90%) do que o género feminino (20,80%).

Tabela 3: Distribuição dos participantes relativamente ao género e número de agressores

	Feminino		Masculino		Total
Um menino	12	50%	9	50%	50%
Uma menina	3	12,50%	1	5,60%	9,52%
Muitos meninos	5	20,80%	7	38,90%	28,57%
Muitas meninas	1	4,20%	0	0,00%	2,38%
Muitos meninos e meninas	3	12,50%	1	5,60%	9,52%
Total	24	100%	18	100%	100%

Na tabela 4 é apresentada a comparação sobre o envolvimento no bullying no estudo presente e o estudo de Pereira (2008). De acordo com os resultados apresentados, podemos observar que o nosso estudo revela valores inferiores aos de Pereira (2008), ainda que no caso específico das vítimas, o valor se aproxime mais dos resultados de Pereira (2008), existindo apenas uma diferença de 4,36%. No que concerne aos agressores, os valores do nosso estudo são bastante inferiores aos obtidos por Pereira (2008).

Tabela 4: Comparação sobre o envolvimento no bullying entre o estudo presente e o estudo de Pereira (2008)

Vítimas e Agressores	Estudo presente	Pereira (2008, p.230)
Vítimas 3 ou mais vezes	17,24%	21,6%
Agressores 3 ou mais vezes	2,30%	15,4%

A tabela 5 apresenta as correlações entre os índices sociométricos e os atributos psicossociais e destacam-se as correlações positivas baixas a moderadas entre rejeições e agressão. As correlações entre a vitimação e a rejeição foram todas positivas mas apenas atingiram valores estatisticamente significativos no que se refere especificamente à sala de aula.

As preferências correlacionam positivamente, de forma estatisticamente significativa, com a conduta pró-social e a liderança. A liderança correlaciona positivamente, de forma estatisticamente significativa, quer com a conduta pró-social, quer com a agressão. Assim, a liderança parece estar associada quer à agressão, quer à conduta pró-social. Surge ainda um dado paradoxal que é uma correlação elevada entre conduta pró-social e isolamento social.



Tabela 5: Correlações (Spearman) entre os principais índices sociométricos e os atributos psicossociais

	PSA	RSA	PR	RR	PG	RG	Ag	Is,S	Lid.	CP	Vit
Preferências na sala de aula	---										
Rejeições na sala de aula	-,427**	---									
Preferências no recreio	,799**	-,301**	---								
Rejeições no recreio	-,331**	,724**	-,221*	---							
Preferências global	,929**	-,407**	,896**	-,338**	---						
Rejeições global	-,410**	,900**	-,263**	,884**	-,394**	---					
Agressão	,045	,386**	,149	,450**	,065	,442**	---				
Isolamento Social	,016	,143	,039	,193*	,010	,144	-,011	---			
Liderança	,215*	,010	,190	,071	,226*	,042	,315**	,190	---		
Conduta Pró-Social	,359**	-,183	,315**	-,102	,379**	-,158	-,026	,681**	,376**	---	
Vitimação	,051	,215*	-,047	,079	,004	,106	-,109	,168	-,036	,063	---

** A correlação é significativa ao nível 0.01.

n = 87

* A correlação é significativa ao nível 0.05.

CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Na presente investigação colocou-se em evidência que o problema da vitimação e agressão entre crianças do 1.º ciclo do ensino básico de uma escola situada numa localidade em meio rural, na região do Alentejo, existe mas é bastante menos frequente do que ocorre em zonas urbanas (Pereira, 2008), aspecto que deve relacionar-se com a diferente dimensão das localidades onde ocorreram as investigações. Quanto às formas de agressão e aos locais onde ocorre os resultados foram similares aos obtidos por outros autores, ou seja, neste estudo o recreio é o local onde se verificam mais ocorrências seguido dos corredores tal como aconteceu nos estudos de Pereira (2008).

Uma análise comparativa sobre o que se passa com os meninos e com as meninas, revela que estas envolvem-se menos em práticas agressivas e são sobretudo menos agressoras. Este estudo revelou também que as formas de agressão relacional são mais frequentes nas raparigas e que a agressão física é mais frequente nos rapazes, à semelhança do que se tem verificado noutros estudos (Bjorkquist, & Osterman, 1999).

No que respeita às perceções verificou-se os agressores foram, de forma estatisticamente significativa, mais rejeitados pelos pares do que os alunos não envolvidos nestas situações, quer na sala de aula, quer no recreio. Estes resultados são similares aos obtidos por muitos outros autores. Contudo, contrariamente a outros estudos embora a correlação fosse positiva, não se encontraram correlações estatisticamente significativas entre a vitimação e as rejeições no recreio, apenas foram significativas as correlações entre vitimação e rejeições na sala de aula. Neste estudo os agressores foram também mais rejeitados que as vítimas, contrariamente ao que acontece noutros estudos (Ramirez, 2001; Martins, 2009).

Por outro lado, pode ainda afirmar-se que existe uma relação entre liderança e conduta pró-social e entre liderança e agressão, pois os valores das correlações obtidas são estatisticamente significativas entre esses atributos. Isto significa que algumas crianças que exibem conduta pró-social exibem simultaneamente competências de liderança e que algumas outras crianças exibem condutas agressivas e simultaneamente competências de liderança.

Verificou-se também uma relação significativa entre as várias medidas que pretendiam avaliar os índices sociométricos Assim, registaram-se correlações positivas significativas entre as preferências no recreio e na sala de aula; as rejeições na sala de aula e no recreio com a agressão, e correlações negativas entre preferências e rejeições. Conclui-se que embora a maioria das correlações encontradas sejam bastante baixas a moderadas (por



vezes, não atingindo o valor 0.3), foram estatisticamente significativas ocorreram no sentido previsto e de modo coerente e lógico, tendo em conta o tipo de medidas e os constructos que estavam a ser avaliados, no sentido que as preferências na sala de aula correlacionaram positivamente entre si e negativamente com as rejeições, de forma estatisticamente significativa, o que é indicador da fidelidade e validade dos dados obtidos (Pellegrini & Bartini, 2000).

O Papel da Escola na Prevenção da Violência Escolar

Para finalizar, podemos referir que os problemas de agressão e de vitimação entre crianças, apesar de não atingirem frequências elevadas, estão presentes na escola básica de 1.º ciclo estudada de forma similar ao que ocorre em outras regiões do país e em outros países também.

A escola deve definir uma política de prevenção do bullying e da agressão, nas suas diversas manifestações. Só uma atitude coesa e consciente de toda a comunidade escolar contra as práticas de bullying tornará a intervenção de programas eficaz. Esta atitude, em particular dos professores, funcionários e alunos, deverá ser assumida em qualquer espaço da escola e não apenas no contexto da sala de aula (Martins, 2011).

É necessário prestar maior atenção aos espaços recreio, onde os alunos passam uma grande parte do seu tempo na escola, especialmente naquelas que não promovem atividades para os alunos. Importante será também repensar os espaços, estudar as brincadeiras das crianças e promover a animação dos tempos livres na escola (Pereira, Sousa & Lourenço, 2011).

A presença de supervisores parece ser um fator importante que influencia o comportamento das crianças. Consoante o número de adultos no recreio, em relação ao número de crianças e as relações que se estabelecem entre eles, essa influência pode ser positiva ou negativa (Pereira, Sousa & Lourenço, 2011).

O conhecimento das dinâmicas relacionais nas turmas a partir da combinação dos índices sociométricos com os atributos psicossociais, tal como percebidos pelos pares, pode também ajudar os professores a constituir grupos de trabalho na aula coesos e produtivos: afastando vítimas de agressores e agressores líderes de agressores seguidores e utilizando as competências das crianças pró-sociais e líderes para lidar, quer com os agressores, quer com as vítimas e assim contribuindo para alterar os seus atributos sociais na turma (Martins & Branquinho, 2008).

Em conclusão, as escolas poderão contribuir para a prevenção do bullying e da agressão, por um lado, através do enriquecimento e melhor supervisão dos recreios, por outro lado, através de um conhecimento mais profundo das dinâmicas relacionais dos grupos turma de um modo que permita aos professores e comunidade educativa uma intervenção educativa mais eficaz e esclarecida no sentido de contribuir para melhorar o clima relacional das turmas e da escola (Martins & Branquinho, 2008).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Anderson, C. & Bushman, B. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology*. 53, 27-51.
- Bjorkquist, K. & Osterman, K. (1999). Finland. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.
- Coie, J. D., & Dodge, K. (1998). Aggression and antisocial behaviour In W. Damon & N. Eisenberg. *Handbook of Child Psychology. Social and Emotional, and Personal Development*. vol. 3 5ed.. New York: John Wiley & Sons.
- Martins, M. J. D. (2007). Violência interpessoal e maus-tratos entre pares, em contexto escolar. *Revista de Educação*, XV, 2, 51-78. Disponível em: <http://revista.educ.fc.ul.pt/>
- Martins, M. J. D. (2009). Maus tratos entre adolescentes na escola. Penafiel: Editora Novembro.
- Martins, M. J. D. (2011). Prevenção da indisciplina, da violência e do bullying nas escolas. *Proforma*. 3, 1-6. Disponível on-line em http://www.cefopna.edu.pt/revista/revista_03/pdf_03/es_01a_03.pdf



- Martins, M. J. D. & Branquinho, M. J. (2008). Avaliação e intervenção educativa com vista à promoção da convivência social positiva entre crianças. *Egitanea Scientia*, 3, 47-59.
- Martins, M. J. D. & Vicente Castro, F. (2010). How is social competence related to aggression and victimization in school? *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. XII, 1, 3, 305-315.
- Olweus, D. (1995). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, XII, 4, 495-511.
- Olweus, D. & Limber, S. (Orgs) (2007). *Olweus bullying prevention program. School guide*. Center City: Hazelden.
- Ramírez, F. C. (2001). *Conduitas agressivas na idade escolar*. Lisboa: McGraw-hill.
- Pellegrini, A., D. & Bartini, M. (2000). An empirical comparison of methods of sampling aggression and victimization in school settings. *Journal of Educational Psychology*, 92, 2, 360-366.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência, Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. 2.^a Ed. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a ciência e a tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- Pereira, B.; Sousa, R., & Lourenço, L. M. (2011). O bullying, locais e representações dos recreios. Estudo com crianças de uma escola básica de 5.^o e 6.^o anos. *Bullying Conhecer e Intervir*. Editora UFJF: pp. 33-49.



International Journal of Developmental and Educational Psychology
Psicología del desarrollo

INFAD, año XXVI
Número 1 (2014 Volumen 1)

© INFAD y sus autores
ISSN 0214-9877